

A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) A Campanha 9 (2011)

Primeira análise comparativa dos Sectores A e M - I Idade do Bronze / Bronze Final?

1. Introdução

Durante o verão de 2011 decorreu a nona campanha de escavações no sítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), da qual aqui se publicam os resultados mais significativos.

Foi continuada a escavação no já conhecido Sector A, cujos trabalhos se encontram na recta final. Apesar de já amplamente conhecido na bibliografia arqueológica de Macedo de Cavaleiros, os dados que ora se apresentam contribuem para uma melhor compreensão das primeiras fases de ocupação deste sector.

Por outro lado, foi aberta uma nova área de intervenção no Sector M, área assim denominada por se localizar numa plataforma delimitada por um troço de uma muralha em talude, de cujo aparelho foi, em campanhas anteriores, recolhido material arqueológico que apontava a sua construção para o Bronze Final. Desta forma, delineava-se uma ocupação duradoura do cabeço da Fraga dos Corvos durante a Idade do Bronze, cuja organização no espaço e no tempo importava compreender.

Deste modo, a campanha de 2011 é a um tempo o encerrar de um ciclo e o início de outro.

O texto que se segue trata individualmente cada um dos sectores, incluindo a informação respeitante à estratigrafia, à cultura material e às reflexões preliminares pertinentes nesta fase da investigação. Faz-se por fim uma discussão comparada dos dados até agora disponíveis.

2. Enquadramento geográfico

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso situado na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude (Fig. 1).

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre os solos férteis da mesma, e ainda sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste e noroeste (Abreiro, Carrapatas e Vale Benfeito), célebres pelos depósitos de alabardas aí encontrados (Bártholo, 1959).

O seu substrato é constituído, maioritariamente, por rochas metamórficas xistosas, com alguns filões de quartzo e grauvaque, conhecidas pela acidez que fornecem aos solos, reduzindo assim a possibilidade de preservação de matéria orgânica no registo arqueológico. Na região existem alguns afloramentos de talcoxisto, matéria-prima utilizada no sítio arqueológico para elaboração de moldes e de artefactos de excepção. A região apresenta também algumas jazidas de minério que poderão ter abastecido a metalurgia incipiente do povoado, sobretudo no que diz respeito ao estanho, obtido com facilidade. Por outro lado, o cobre é bastante raro, apresentando-se fundamentalmente sob a forma de gossam com carbonatos e óxidos derivados de sulfuretos que, pela sua tonalidade esverdeada e brilhante, terão facilmente sido reconhecíveis para as comunidades pré-históricas (Senna-Martinez, et al. 2011).

¹ Centro de Arqueologia (Uniarq), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, Portugal. elsavluis@gmail.com

² Centro de Arqueologia (Uniarq), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, Portugal. jessicarepresas@gmail.com

³ Centro de Arqueologia (Uniarq), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, Portugal. smartinez@fl.ul.pt

Trata-se ainda de uma região com abundantes recursos hídricos numa complexa rede de afluentes dos rios Sabor e Azibo e de várias ribeiras. Na vertente noroeste da Serra de Bornes, limitando o cabeço a poente e nascente destacam-se os vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha, constituindo as duas fontes mais próximas de água para o sítio arqueológico.

As espécies vegetais naturais desta região são, maioritariamente, o *Quercus pyrenaica* wild (carvalho negral) e *Quercus ilex* L. ssp. *Rotundifolia* (Lam.) (azinheira). Numa aproximação paleoambiental realizada a partir de carvões recuperados em vários sítios arqueológicos, foram identificadas distintas espécies vegetais. Entre as quais elementos vegetais com características do clima mediterrânico, como o sobreiro, a azinheira, o carvalho cerquinho, o zimbro e o medronheiro, e também típicas de clima atlântico, como o carvalho alvarinho, o pinheiro bravo e a vegetação frequente em zonas de vale ou margens de cursos de água, como o freixo, o amieiro, o salgueiro e a aveleira (Figueiral et. al. 1998-1999).



Figura 1 - Localização da área de implantação do sítio na Península Ibérica.



Figura 2 - Localização da Fraga dos Corvos na folha 78 da CMP 1/25000.

3. Sector A

3.1 Estratigrafia

O habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatção que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O espaço em que tem vindo a ser possível identificar estruturas correspondentes a esta etapa de ocupação constitui uma plataforma em declive suave, correspondente à parte noroeste do topo do cabeço, enquadrada a ocidente pela escarpa e a oriente por afloramentos que a separam do estradão que atravessa o “Monte do Vilar”, formando a área que designámos como Sector A.

No final da oitava campanha, o Sector A apresentava já uma área aberta de 101m², na qual se pôde identificar um povoado composto por 19 cabanas subcirculares ou elipsoidais distribuídas por 5 fases de ocupação (Senna-Martinez e Luís, 2011).

Nos níveis inferiores a estas fases de ocupação, a sequência estratigráfica afigurava-se mais

complexa, revelando um conjunto de camadas, fossas, lareiras e outras estruturas pétreas. A relação entre estas diferentes realidades permite entrever fases de ocupação mais antigas com características diferentes, nas quais a utilização de pedra e a estruturação do espaço de habitat deixaram marcas arqueograficamente mais visíveis. Na campanha de 2010 foi, então, possível iniciar o estudo destas novas realidades. Foi escavada uma camada de terras argilosas muito compactas castanho claras, algo extensa, que era cortada por uma lareira e por uma fossa, interpretada como um piso de utilização, U.E. [467]. Foi igualmente possível definir e registar a primeira “grande” estrutura pétreia desta sondagem, interpretada como um possível muro de contenção de escorrência de águas, U.E. [624].

A campanha de 2011 teve como objectivos a continuação da escavação na área oeste deste sector, de forma a compreender os já presumíveis níveis fundacionais do sítio arqueológico; bem como intervencionar a área correspondente à “Cabana 1” (zona mais a norte da sondagem), a qual tinha ficado pendente desde 2004 de forma a compreender a sua implantação em área. Tendo em atenção o afastamento físico das duas áreas intervencionadas, descrevem-se os resultados de forma diferenciada.

3.1.1 Área oeste

Imediatamente abaixo da U.E. [623], e da U.E. [152], encontrava-se já identificada uma nova camada, inicialmente numerada de [492], à qual, por questões de segurança, foi, nesta campanha, atribuído um novo número [627] (Planta A1). Esta unidade, algo extensa e bastante compacta, pelas suas características físicas, pelas estruturas que a cortam e pela sua localização junto ao muro [624], pode ser interpretada como um piso de utilização. Na sua zona norte encontrava-se uma lareira estruturada, U.E. [486/654/648], composta por uma couraça pétreia (com algumas pedras com fractura térmica), que cobria uma fossa com

enchimento de terras cinzento-avermelhadas escuras. Imediatamente ao lado estruturava-se uma fossa preenchida com terras muito escuras e soltas, U. E. [655/656], interpretada como uma fossa de escorrência de detritos da lareira, e ainda dois buracos de poste estruturados (U.E.s [675/676/682], [673/674/681]).

Nesta campanha foi igualmente possível identificar a vala de fundação do muro U.E. [624], U.E. [667/668], definida a partir da U.E. [627], ou seja, a edificação desta estrutura foi elaborada num momento em que este piso já se encontrava colocado. Atendendo às características habitacionais das estruturas utilizadas com o piso pensamos que o muro possa ter sido construído e utilizado nesta fase. Esta estrutura foi deixada intacta in situ para posteriores acções de restauro e consolidação de modo a integrar um futuro núcleo museológico.

Após a remoção da U.E. [627], apenas se identificaram duas novas realidades pouco expressivas, mas que pensamos poderem relacionar-se com os momentos fundacionais do sítio. Trata-se de uma camada de pequenas dimensões composta por terras argilosas, pouco compactas, castanhas muito escuras, quase negras, U.E. [669]; e de uma fossa cheia por terras argilosas, pouco compactas, pretas, U.E. [671/672]. Do enchimento desta fossa provêm vários fragmentos de cerâmica perfurada (nº 3960), extremamente frágil, de coloração muito escura, cujo estado de conservação não nos permitiu ainda compreender se se trata de um recipiente ou qualquer outro utensílio, mas que nos indica a natureza antrópica desta estrutura.

Todas estas realidades assentam directamente sobre a U.E. [582], nível de desagregação da rocha-mãe, demonstrando um cuidado com a organização do espaço doméstico.

3.1.2 Área norte

Na campanha de 2004 foi identificada, ime-

diatamente abaixo da U.E. [152], a U.E. [157] (Planta A2), de cuja interface superior parte um conjunto de buracos de poste agrupados sob a designação de “Cabana 1”. Como inicialmente não era inteiramente clara a distinção entre a U.E. [582] e a U.E. [679] (estrutura pétrea tipo murete, bastante extenso), foi considerado prudente deixar este espaço por escavar até que uma compreensão em área fosse possível.

Nesta campanha compreendeu-se que abaixo da U.E. [152], tal como na área oeste, se encontrava uma realidade mais complexa que a conhecida acima desta unidade. Assim, identificou-se um “murete” pétreo, bastante extenso, U.E. [679] (Planta A3), que dividia duas áreas completamente diferenciadas. Para sul encontra-se a U.E. [582], ou seja, apenas a desagregação do substrato geológico, enquanto para norte pudemos identificar uma sequência estratigráfica claramente antrópica. Em primeiro lugar, a U.E. [157], já anteriormente identificada, foi integralmente escavada, revelando uma nova camada (U.E. [651] – Planta A4) e um novo “murete” a norte, provavelmente para contenção de terras devido ao forte grau de erosão desta zona, denominado, em 2004, de U.E. [50]. Esta estrutura era constituída por pequenos e médios blocos pétreos apresentando pouca robustez quando comparada com o murete [679]. Abaixo da U.E. [651] e da [50] apresentava-se uma fossa de grandes dimensões apoiada no murete [679], e que corta uma nova camada (U.E. [678]). A fossa foi integralmente escavada, restando, para a próxima campanha, a remoção da U.E. [678] e da restante sequência estratigráfica.

3.2 Faseamento

Foram já definidas, em intervenções anteriores, várias fases de ocupação, sendo que a U.E. [152] constituiria a quinta fase (Senna-Martínez e Luís, 2011). Seguramente, na área oeste, foram identificadas mais duas correspondentes, respectivamente, às U.E.s [467] e [627].

Mais problemática é a constituição de um faseamento na área norte.

A U.E. [157] constitui igualmente um momento de ocupação, porém, atendendo à distância física entre as duas áreas escavadas nesta campanha, não podemos associá-la a uma das duas fases identificadas na área oeste. Não sabemos, portanto, se existiu uma relação de contemporaneidade entre a “cabana” 1 e a utilização da lareira e do muro da área oeste. É-nos igualmente difícil fasear as camadas identificadas abaixo da U.E. [157] na medida em que não apresentam estruturas de utilização claramente doméstica. O que nos parece correcto afirmar é que, a determinado momento, nas fases iniciais de ocupação do sítio, esta área foi escavada para a construção do murete [679] e só depois este espaço foi preenchido, cremos que de forma antrópica, pelas camadas e estruturas mencionadas. Assim como na área da U.E. 627, também nesta zona, a ocupação inicial do povoado nos parece obedecer a uma lógica organizacional do espaço na qual estruturas pétreas, negativas e camadas (ou “pisos”) se harmonizam por forma a estruturarem ambientes domésticos, característica esta que se vai transformando nas fases de ocupação mais recentes.

3.3 Materiais

Sendo o Sector A alvo de estudo há já vários anos, encontram-se sintetizados os principais conjuntos de artefactos, publicados em vários locais. A maioria dos artefactos cerâmicos foi estudada por Luís (2010), no que diz respeito ao repertório formal, à tecnologia de fabrico e ao enquadramento crono-cultural; enquanto Araújo (2011) elaborou o estudo das fontes de proveniência das argilas; o conjunto dos líticos (pedra talhada e polida) foi analisado por Matos (2011); as pedras polidas perfuradas (“ideotécnicos”) foram divulgadas por Senna-Martínez (2009); e, por último, os vestígios relacionados com a actividade metalúrgica têm vindo a ser amplamente estudados pelas equipas dos projectos METABRONZE e EARLY-

METAL (Figueiredo et al. 2009; Senna-Martinez, et al. 2011), com publicação em variados contextos, nacionais e internacionais.

Na campanha de 2011 foram recolhidas 313 peças identificáveis e um conjunto bastante extenso de bojos, que aqui se divulgam numa primeira apreciação global.

Numa abordagem preliminar e numa tónica meramente apreciativa e empírica, o conjunto cerâmico proveniente desta campanha não apresenta grandes novidades relativamente ao já conhecido. Em termos tecnológicos mantêm-se as pastas predominantemente redutoras, seguidas de oxidantes com arrefecimento redutor, genericamente bem elaboradas e depuradas, com consistências compactas. Existe, com fraca representatividade, um conjunto de recipientes de pastas finas (cerca de 5mm de espessura) com acabamentos de grande qualidade, ou seja, recurso a engobe e polimento intensivo, que resulta num aspecto brilhante muito próximo dos brunidos. O leque de formas dos recipientes não apresenta variações significativas, pelo menos nesta primeira abordagem. Mantém a ampla representatividade das formas fechadas com gargalo e bordo exvertido (vasos globulares) e das taças e tigelas, de utilização doméstica, bem como a expressividade das bases planas. Destaca-se, pela sua originalidade e pelas questões que coloca, o recipiente nº 3915, até agora o único recipiente completo encontrado na Fraga dos Corvos. Este é um recipiente de muito pequenas dimensões. Neste sentido torna-se inseguro associa-lo a uma funcionalidade concreta, podendo ter sido elaborado e/ou utilizado por uma criança enquanto brinquedo, tal como nos sugere o enterramento infantil do sítio manchego da Motilla del Azuer (Nájera Colino et. al., 2006), ou, por outro lado, ter servido como contentor de substâncias em pequenas quantidades (óleos, pigmentos, pinturas, preparados de ervas aromáticas ou medicinais etc.), aferíveis apenas através de análises químicas a eventuais resíduos que se tenham conservado nas suas paredes.

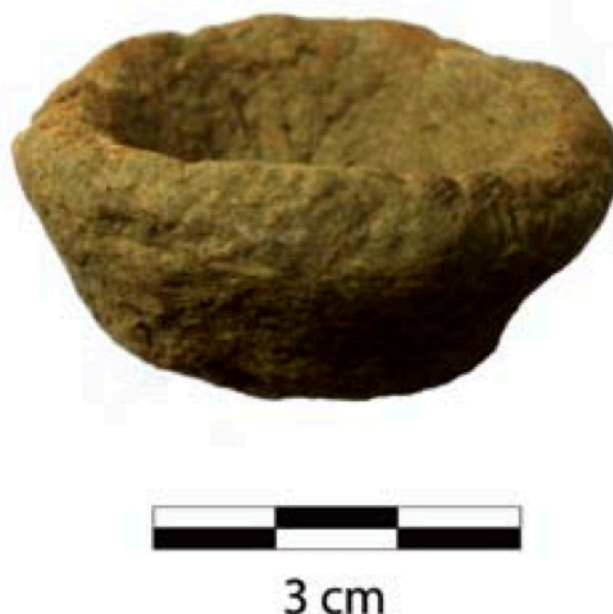


Figura 3 - nº3915.

Os motivos decorativos são, em quase tudo, semelhantes ao já identificado, mantendo-se um predomínio de espigas incisas paralelas ao bordo (algumas das quais com preenchimento a pasta branca) quer só do lado exterior do recipiente quer de ambos; bandas de linhas a pontilhado normalmente na pança do recipiente; e métopas (zonas delimitadas a linhas incisas ou a pontilhado dentro das quais se estrutura um motivo decorativo) preenchidas com linhas horizontais paralelas de espigas ou pontos. Nesta campanha apareceram apenas quatro fragmentos de bojo decorados com motivos novos, com características arcaizantes. Estes encontram-se sintetizados na figura seguinte, numerados relativamente à tabela de motivos decorativos previamente organizada noutro contexto (Luís, 2010).

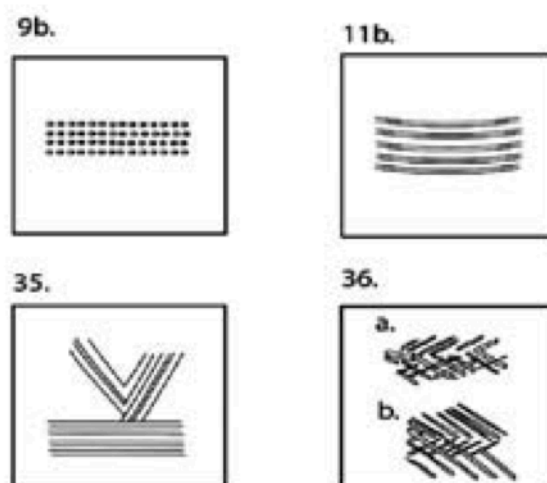


Figura 4 - novos motivos decorativos do Sector A.

O primeiro deles, correspondente ao motivo 9b (fragmento nº 3999), apresenta uma banda horizontal de quatro linhas paralelas de pontilhado que, provavelmente, envolverá o recipiente. O motivo 11b (fragmento nº 3347) revela uma banda de linhas paralelas horizontais a incisão penteada na pança do recipiente. A técnica da incisão penteada remete-nos para as decorações típicas do Calcolítico local, para sítios como o Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) (Sanches, 1997), Alto das Madorras (Macedo de Cavaleiros) (Rebelo, 2011), ou o Crasto de Palheiros (Murça) (Sanches, 2008). No nosso caso trata-se de um motivo simples e sem os ondeados típicos destes sítios.

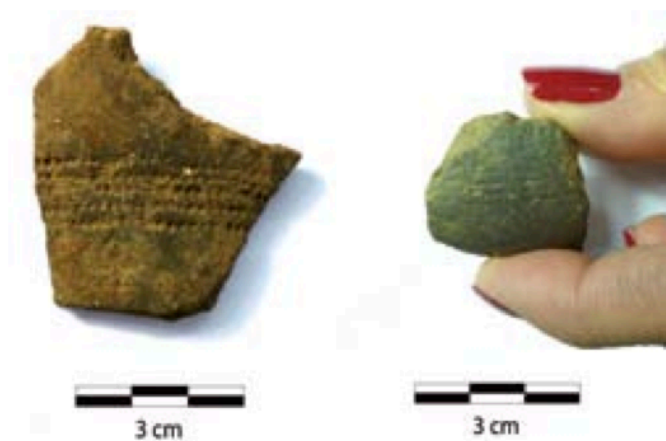


Figura 5 - nº3999.

Figura 6 - nº3347.

O motivo 35 (fragmento nº 3959), elaborado sobre um engobe e um polimento cuidados, é constituído por incisões elaboradas com um instrumento de ponta larga, num conjunto de três linhas em V, umas dentro das outras formando triângulos, acima de uma banda de linhas paralelas horizontais. Trata-se do primeiro motivo decorativo em triângulo presente no sítio da Fraga dos Corvos. Os motivos triangulares ou em V, associados à técnica da incisão penteada são bastante frequentes no norte de Portugal, em contextos mais antigos. Veja-se, a título de exemplo, o Nível I do Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), concretamente o motivo V1b ("linhas penteadas rectilíneas (...) são seguidas, em adição vertical, de linhas angulosas ou linhas quebradas (formando losangos, triângulos etc.)") (Sanches, 1997, vol. II, p. 98). Ou ainda os motivos II3 a3 e b provenientes da ocupação Calcolítica do sítio do Crasto de Palheiros (Sanches, 2008, p. 127; 182).



Figura 7 - nº3959.

Por último, o motivo 36 (fragmento nº 3335) não mais é que uma nova variante dos vários motivos estruturados pela espiga, em ambas as faces do recipiente, tão frequentes neste sector.



Figura 8 - nº3335. Face externa.



Figura 9 - nº3335. Face interna.

Foi igualmente recolhido um cossoiro, com 3,5 cm de diâmetro, do tipo bulboso achatado numa das faces (Silva e Oliveira, 1999, p. 19), decorado. Apresenta uma perfuração cónica. A decoração consiste em pequenas incisões na face achatada, no lado oposto à perfuração formando pequenos triângulos com o vértice virado para o interior. Integra assim

um conjunto de 5 cossoiros de cerâmica, todos de pequeno tamanho, mas este constitui a única excepção, por ser decorado. Como parece ser recorrente no norte de Portugal os cossoiros tendem a ser de pequeno tamanho e todos de formas diferentes, não parecendo existir qualquer tipo de standardização.

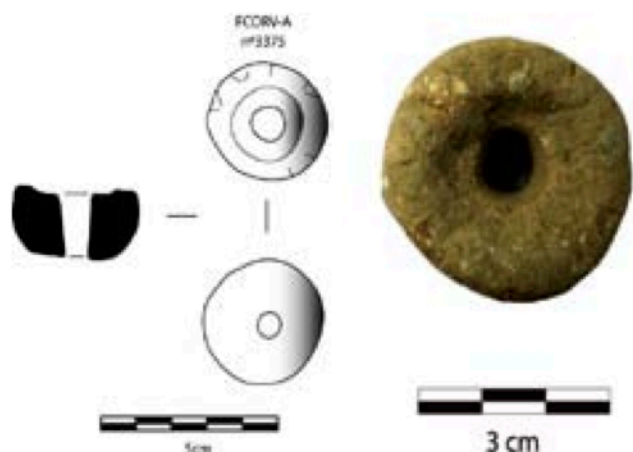


Figura 8 - n°3375. Cossoiro bulboso achatado.

A tabela seguinte apresenta a distribuição dos materiais cerâmicos desta campanha.

Cerâmica	
Designação	Frequência
Bordos	89
Bordos decorados	15
Bases	34
Carenas	1
Carena decorada	1
Colos	21
Colo decorado	1
Bojos decorados	40
Mamilos	3
Asas	5
Outros	27
Recipiente	1
Cossoiros	1
Total	239
Total decoração	57

Um outro conjunto bastante expressivo é o do barro de revestimento recolhido em todas as campanhas de escavação, não constituindo a de 2011 excepção. Os fragmentos são maioritariamente de pequeno tamanho, em mau e médio estado de conservação, apresentado alguns deles os negativos das ramagens utilizadas na construção de estruturas domésticas.

Um dos pontos com maior visibilidade no âmbito das discussões científicas proporcionadas pelos dados da Fraga dos Corvos é certamente o da metalurgia, nomeadamente no que diz respeito ao estudo da selecção de matérias-primas e dos mecanismos de produção de artefactos. Neste momento já é vasta a informação disponível, sobretudo no que diz respeito à reconstituição da cadeia operatória de produção (Senna-Martinez, et al. 2011). Em termos sintéticos, e com base nos dados recolhidos nas Sondagens 2 e 3 do Sector A, sabe-se hoje que a produção de artefactos metálicos neste sítio arqueológico seria de pequena escala, considerada apenas como uma actividade económica complementar, mas certamente impregnada de um significado simbólico muito além do que podemos equacionar. Como a área de fundição da Sondagem 3 juntamente com os vestígios de produção exumados nas duas sondagens nos indicam, a produção de artefactos era local, recorrendo a ligas de bronze binário, elaboradas possivelmente através de uma co-redução de minérios de cobre e estanho.

Um outro dado importante é a regularidade dos conteúdos de estanho dos artefactos e nódulos de fundição analisados, o que revela uma consistência de produção impressionante para a época, nomeadamente quando falamos de uma produção local com tecnologia simples e métodos de recolha de matéria-prima meramente empíricos.

A produção metálica da Fraga dos Corvos pode ser associada ao período de disseminação dos machados Bujões/Barcelos (c. 1750-1500 a.C.), da qual temos evidência directa através do fragmento de molde, e do novo fragmento da campanha de 2011. (Senna-Martinez, J. C., et al, 2011)

A adicionar aos dados já publicados, na campanha de 2011 foram recolhidos: um frag-

mento de bojo com aderências metálicas; um fragmento de metal indeterminado; e, o "achado" mais importante, um fragmento em xisto mole de molde para machados de tipo Bujões. Estes artefactos serão estudados no âmbito do Projecto EARLYMETAL (Financiado pela FCT – PTDC/HIS-ARQ/110442/2008).

A indústria lítica do sítio da Fraga dos Corvos caracteriza-se pela exclusividade de utilização de matérias-primas locais, vários tipos de xisto e quartzo maioritariamente, pelo que constituiu sempre um desafio quanto à sua caracterização, devido à fraca apetência para o talhe destas rochas (Matos, 2011). No entanto, nas imediações do sítio arqueológicos verificam-se "ocorrências de lilitos, jaspes e calcários negros, matérias-primas com características físicas e mecânicas favoráveis ao fabrico de uma indústria de pedra talhada de qualidade, mas ainda assim a preferência das populações que ocuparam a Fraga dos Corvos recaiu nos xistos esverdeados e cinzentos, de estrutura foliada e mais quebradiça que, por exemplo, os xistos negros, mais siliciosos (ainda que também estejam representados)." (Idem, p. 48).

A sua principal característica é, no sentido arqueológico do termo, de se tratar de uma indústria expedita, ou seja, "sem grande investimento na configuração dos núcleos ou na transformação dos produtos" na qual se elaboram "instrumentos de fabrico tecnologicamente simples, utilizando matérias-primas acessíveis localmente, produzidos e abandonados na área de actividade, pouco ou nada retocados e sem qualquer nível de standardização" (Idem, p. 52).

Em termos de utensilagem de pedra lascada, dominam, em quartzo, os denticulados, os elementos de foice, os raspadores, os buris e os entalhes; e, em xisto, os furadores e os raspadores. Trata-se, portanto, de um conjunto com pouca diversidade morfológica.

Assinala-se igualmente a presença de percutores e elementos de mós manuais (fragmentos de dormentes e de moventes), estes últimos maioritariamente em granito.

O espólio lítico exumado na campanha de 2011, numa abordagem preliminar, não parece revelar novidades relativamente ao já conhecido, como pode ser verificado na

tabela seguinte:

Líticos	
Designação	Frequência
Seixos rolados	22
Pedra Polida	6
Pedra polida perfurada	8
Denticulado	2
Dormentes	9
Movente	1
Percutores	4
Indeterminado	8
Outros	4
Total	64

Novamente a presença de seixos rolados é muito significativa, tendo estes utilizações diversificadas, nomeadamente, para aquecer água (os seixos seriam colocados naslareiras em brasa e remobilizados já quentes para recipientes com água); como matéria-prima para talhe de utensílios; ou para polir os recipientes cerâmicos.

No entanto, os artefactos mais significativos são, como em outras campanhas, as pedras polidas perfuradas. Foram exumados 8 exemplares que, tal como os anteriormente conhecidos, não parecem obedecer a uma norma em termos morfológicos. Assim sendo, mantêm-se os de forma paralelepípedica com uma perfuração central, entre os quais encontramos alguns fragmentados e outros inacabados; a par de dois outros (nº3799 e 3875) que são claramente diferentes. No primeiro caso, o objecto apresenta uma forma vagamente triangular com o vértice arredondado e uma perfuração mesmo junto ao topo; enquanto o segundo, do qual apenas dispomos de cerca de metade, é totalmente distinto: tem forma completamente circular com um conjunto de cinco perfurações, das quais quatro acompanham a circunferência e um quinto parece ser central.

No que diz respeito à fauna, nesta campanha apenas foram recolhidos 3 fragmentos que, pelo seu tamanho e estado de conservação, não permitem a identificação de espécie. Relembramos que, devido às características



3 cm

Figura 11 - nº3799. Disco perfurado.



3 cm

Figura 12 - nº3875. Pedra perfurada.

dos solos existentes na área do Sector A, a sobrevivência de matéria orgânica é pouco vulgar, tendo sido recolhidos, até hoje, apenas 14 fragmentos passíveis de identificação: 5 de ovis/capra; 5 de *Bos Taurus*; 3 de *Sus sp.*; e 1 de *Cervus Elaphus*. Estão, portanto, atestadas espécies domésticas e selvagens (Senna-Martinez e Luís, 2010).

Pelas mesmas razões, o carvão é extremamente escasso neste sector, apresentando-se na maioria das vezes em que é detectado sob a forma de pequenos nódulos muito frágeis e sem qualquer utilidade quer para efeitos de datação radiométrica quer para identificação de paleoflora. Nesta última campanha apenas se recolheu um pequeno pedaço de carvão e uma possível semente carbonizada.

O estudo integrado do Sector A do sítio da Fraga dos Corvos encontra-se em preparação para constituir a monografia final de sítio, a publicar pela Associação Terras Quentes e a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

3.3.2 Materiais antigos de outras campanhas

Sendo este um artigo de conjunto sobre toda a ocupação antiga da Fraga dos Corvos é oportuno descrever alguns materiais arqueológicos que foram recolhidos ao longo das 9 campanhas no Sector A, mas que pelos seus contextos de superfície ou remeximento e por estarem claramente associados a cronologias mais tardias que o restante da evidência presente nos níveis preservados, ainda não se encontravam devidamente publicados. Cremos que estes artefactos se encontrem associados ao período de ocupação do Sector M.

Assim, por critério de matéria-prima:

Em Bronze, num contexto de remeximento, foram recolhidos parte de uma fíbula (o arco e a mola completa), do tipo Bencarrón, e dois terminais de torques (Senna-Martinez e Luís, 2011).

Nas camadas superficiais foram recolhidos alguns artefactos em ferro que, pela sua ampla utilização, não nos remetem para um período cronológico específico: uma lâmina de machado, (nº2001); um cravo com cabeça em forma de laço (nº1502); um fragmento indeterminado (nº 1791); e uma chapinha alon-

⁴ Agradecemos ao Professor Doutor João Luís Cardoso a identificação dos restos faunísticos do Sector A.

gada (nº 1520). Este último item será, quanto a nós, o mais significativo, já que pela sua forma achatada e comprida, poderá ter sido uma

faquinha afalcatada. No entanto, o seu estado de conservação impede considerações mais seguras.

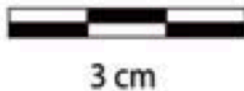


Figura 13 - n°2001. Lâmina de machado em ferro.



Figura 14 - n°1502. Cravo em ferro.



Figura 15 - n°1791. Ferro.



Figura 16 - 1520. Chapa alongada de ferro.

3 cm

Por último, mas não menos significativo, um conjunto de contas de vidro azul lisas (três inteiras e de diminutas dimensões e quatro fragmentos), com clara filiação mediterrânica e cuja presença deve derivar de níveis mais recentes hoje destruídos no sector A.



Figura 17 - Contas vítreas n° 209, 1235, 814, 2182, 763, 2507, 1382 do Sector A.

4. Sector M

4.1. Introdução

O sítio da Fraga dos Corvos tem sido, desde há muito, identificado como um “povoado fortificado” da “idade do ferro” atendendo, sobretudo, aos vestígios de uma muralha em talude reconhecíveis através de fotografia aérea e de alguns pontos do seu traçado ainda visíveis.

A atribuição do termo “castro” tem, ao longo da história da investigação arqueológica, não apenas caracterizado um espaço de habitat do ponto de vista arquitectónico e da sua estratégia de implantação no território, mas também adquirido significado cronológico específico, sendo tradicionalmente atribuído a povoados fortificados da idade do Ferro. Assim, designar um determinado espaço de habitat fortificado de castro, implica a sua incorporação na denominada cultura castreja (Martins, M. 1990). Sabemos, hoje, que os povoados fortificados das regiões centro e norte de Portugal não conheceram todos ocupação durante a Idade do Ferro, mas foram antes construídos ainda durante o Bronze Final, altura em que as estratégias de povoamento sofrem alterações significativas em todo o espaço peninsular.

A par da investigação no Sector A, sempre constituiu prioridade compreender o contexto de construção e utilização da muralha, pelo que, na campanha de 2008, foi elaborada uma limpeza de reconhecimento e avaliação do estado de conservação da mesma. Foi escolhida uma área de privilegiada visibilidade da estrutura, em corte, decorrente da abertura de um estradão florestal nos anos 50.

O principal resultado dessa acção de limpeza foi a sua definição como uma “muralha em talude”, tendo sido postas em evidência duas áreas distintas da estrutura: uma zona preservada definida por blocos pétreos de média dimensão dispostos em cutelo com espaços preenchidos por pedra miúda e terra, o revestimento do talude; e uma outra zona, mais a sul, constituída por pedra de média e pequenas dimensões disposta de forma caótica, em matriz de terra mais abundante e interpretada como derrube da muralha.

Os materiais arqueológicos recolhidos durante esta limpeza forneceram, por sua vez, pistas fundamentais para a aferição cronológica da muralha: fragmentos cerâmicos, dos quais se destacam alguns fragmentos com decoração incisa (tipo “cogeces”); uma pequena enxó de anfibolito; e dois fragmentos de uma fíbula provavelmente de tipo Acebuchal esta última proveniente da base do revestimento pétreo. Desta forma, delineava-se uma ocupação duradoura do cabeço da Fraga dos Corvos durante a Idade do Bronze, e cuja organização no espaço e no tempo importava compreender. Foi neste sentido que se investiu, em 2011, na abertura de uma nova sondagem, na área norte adjacente à muralha, de cujos resultados se dá agora notícia.

A limpeza desta nova plataforma permitiu a observação da sua topografia, que apresentava desníveis e sulcos artificiais muito marcados, e cujo aspecto apontava para trabalhos agrícolas extensos e profundos, facto que se veio efectivamente a verificar no decorrer dos trabalhos de escavação. Em toda a área foram detectadas valas recentes, com orientações semelhantes e profundidades variáveis, que testemunham estas perturbações antrópicas da estratigrafia conservada. Testemunhos locais apontam como origem destas perturbações os trabalhos de reflorestação da Serra de Bornes no final da década de cinquenta e inícios da década de sessenta do século XX.

4.2. Estratigrafia

Na plataforma foi implantado um referencial ortogonal com o eixo dos Y orientado segundo a direcção S-N magnéticos numa extensão de cerca de 20m, com a extremidade sul aproximadamente perpendicular ao talude e a uma distância deste de cerca de 1m. Dentro da área inicialmente demarcada (Planta M1), um espaço com 10m no sentido SN por 3m EW iniciámos a intervenção por duas sondagens diagnósticas fisicamente independentes (Sondagens A – quadrados 6/5/K/L/M – e B – quadrados 13/14/K/L/M) orientadas num eixo N-S, com 2x3m; uma mais próxima do aparelho da muralha e outra sensivelmente a meio da plataforma. Esta abordagem inicial visou a averiguação do estado de conservação e da potência estratigráfica da plataforma associada à muralha. Em função dos resultados obtidos,

nomeadamente a abundância de material arqueológico (cerâmico e metálico) coevo com o momento crono-cultural atribuído à construção da muralha, as sondagens foram alargadas e fundidas numa só, abrangendo uma área final de 13x5m (quadrados 5-17/I-M – cf. Planta M1).

Tendo em conta os dados estratigráficos obtidos, para além da camada humosa superficial, pudemos escavar três realidades ocupacionais distintas, e identificar a interface superior de uma quarta, que passamos a descrever.

Removida a manta morta, em toda a área da sondagem, foi identificada a U.E. [10003] extensa, de espessura variável, muito perturbada por valas paralelas entre si, que cortavam a sondagem obliquamente (NE-SE), e outras de planta disforme, que resultaram de actividades agrícolas recentes no cabeço (Planta M2). Parece corresponder ao remeximento profundo de eventuais U.E.s conservadas que testemunhariam as ocupações mais recentes da plataforma. Nela foi encontrada espólio arqueológico abundante, nomeadamente cerâmica de fabrico manual, um cossoiro, alguns seixos rolados, contas vítreas, uma fíbula, alguma fauna mamalógica, e ainda uma lâmina de ferro com rebites de cobre ou bronze, peça bimetálica de alguma raridade. Sob esta U.E. numa área sul da sondagem, foi identificada uma outra camada de características muito semelhantes, mais compacta e mais homogénea, na qual se identificaram várias estruturas negativas vagamente rectangulares, cuja planta algo geométrica levantou suspeitas quanto à sua funcionalidade (Planta M3). O seu esvaziamento revelou tratar-se de estruturas irregulares, com enchimentos muito soltos e com pouco material arqueológico, provavelmente também elas decorrentes de actividades agrícolas, ou mesmo de violações do sítio, dada a sua identificação como “castro” nas bases de dados nacionais.

Sob [10003], foram detectadas, na área norte da sondagem três U.E.s sobrepostas, [10011], [10073] e [10076], e ainda uma outra sem relação física com estas, mas provavelmente

cronologicamente coeva, [10054], muito compactas e aplanadas, interpretadas como pisos / níveis de circulação; todas elas muito destruídas em várias frentes pelas valas da [10003]. A algumas destas U.E.s correspondem um conjunto de estruturas negativas antrópicas, não relacionadas com as mais recentes, e que no seu todo, e em conjunto com a [10003], parecem testemunhar uma última fase de ocupação do sítio, de visibilidade reduzida, quer talvez, pelo elevado grau de destruição a que foi sujeita, ou pela sua fraca expressividade intrínseca, que arriscamos colocar cronologicamente num momento de transição para a Idade do Ferro (em torno do século VI a.C.).

Cortando a interface superior da U.E. [10011], detectaram-se seis estruturas negativas (Planta M4):

- A U.E. [10057], fossa arredondada (com cerca de 0,8m de diâmetro) de cujo enchimento foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos, fauna mamalógica e termoclastos;
- Duas outras estruturas negativas U.Es [10009] e [10013], situadas a oeste da [10057], correspondendo a primeira a uma fossa alongada, no sentido SN e com cerca de 1,5m por 1m, de fundo pétreo (eventualmente aproveitando a composição da U.E. [10026], descrita mais à frente), pouco funda, e de cujos enchimentos foram recolhidos fragmentos cerâmicos, termoclastos, e ainda dois objectos líticos perfurados; a segunda, que corta a primeira, é uma fossa de boca redonda (com pouco mais de 1m de diâmetro), bastante funda, no fundo da qual se detectou uma chapa de argila cozida muito danificada. Dos seus enchimentos foram recolhidos abundantes fragmentos cerâmicos, escória, um fragmento de sílex e também um objecto lítico de xisto mole perfurado.
- O último conjunto de unidades negativas, U.Es [10060], [10061] e [10063], é formado por três buracos de poste – compondo uma secção de arco eventualmente associada às estruturas negativas anteriormente descrita.

⁵ Agradecemos à Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, em particular ao topógrafo Sr. Leonel, o apoio dado na extensão ao Sector M de um conjunto de pontos cotados e metidos à rede a partir dos quais se implantaram os referenciais de topografia.

A cortar a U.E. [10073] foi identificada uma outra fossa, de planta ovalada, [10069], delimitada por elementos pétreos, e ainda um buraco de poste estruturado por três pedras fincadas, [10071], associado à fossa (Planta M6). Os seus enchimentos eram estéreis.

O ultimo “pisso” identificado, [10076], e que supomos estar directamente sobre [10026], não foi escavado no decorrer da campanha de 2011 (Planta M7).

Uma outra “fase”, que subjaz à anteriormente descrita, é composta unicamente pela UE. [10026=10032], camada extensa e espessa, composta sobretudo por blocos pétreos de pequena, média e grande dimensão (Planta M8), com muito pouco material arqueológico (praticamente estéril), e cuja composição nos sugere algum tipo de relação com a construção da muralha e/ou o seu derrube / abandono. A sua horizontalidade e espessura mais ou menos constante sugerem uma terraplanação propositada, sobre a qual se implantam as UEs e estruturas da primeira “fase” descrita. Também esta U.E. apresenta algumas estruturas negativas dispersas de forma caótica, sem aparente funcionalidade, e que parecem decorrer de remeximentos recentes, cuja interface nas U.E.s superiores possa não ter sido perfeitamente identificada.

A escavação desta U.E. foi interrompida, no final dos trabalhos da campanha de 2011, e foi deixada parcialmente a descoberto a U.E. [10043], camada muito escura e extremamente orgânica, com restos faunísticos abundantes, e muito distinta das mais recentes. Cremos que teremos aflorado uma nova “fase” de ocupação do cabeço”, composta por níveis perfeitamente conservados, ao contrário dos momentos até aqui descritos.

As realidades não intervencionadas foram protegidas com geotêxtil e terra crivada.

4.3. Os materiais

Apesar do elevado grau de perturbação observado nas U.E. escavadas, foi, contudo, pos-



Figura 18 - Contas vítreas n.º 10455, 10536, 10769, 10649, 10652 do Sector M.



Figura 19 - n.º 10949, possível anular hispânica.

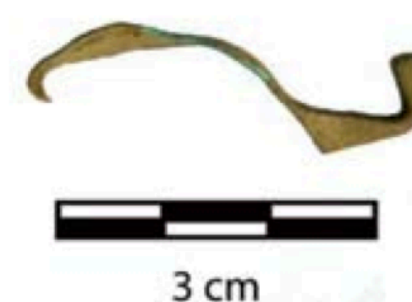


Figura 20 - n.º 1532.



Figura 21 - n.º 10284, mola de fibula.

sível definir um momento ocupacional "tardio" do sector M, de cujo espólio exumado é possível já retirar algumas conclusões. Não pretendemos apresentar ainda dados estatísticos conclusivos, que contamos compilar numa fase mais evolucionada dos trabalhos, em que a compreensão do faseamento seja maior, mas antes dar notícia das questões fundamentais que esta novo sector levanta, a partir de dados preliminares.

No que diz respeito ao espólio metálico, é necessário, em primeiro lugar, sublinhar o seu valor axial na compreensão do sítio e da sua integração nas redes de contactos inter-regionais. A sua presença, associada à presença de contas vítreas (seis exemplares), e de alguns fragmentos cerâmicos decorados, discutidos adiante, consubstanciam os dados mais relevantes para atribuição de uma cronologia posterior ao Sector A.

De sublinhar é a abundância de fíbulas, objectos que pelas suas características específicas – nomeadamente a sua versatilidade funcional e a sua extraordinária dispersão geográfica – se revestem de importância particular. De facto, para além da sua funcionalidade primária – prender peças de vestuário – a sua presença em paragens tão remotas, relativamente ao seu foco original de dispersão, como é Trás-os-Montes, remonta-nos para a sua expressão enquanto ostentação de um determinado estatuto social. É um objecto que, tendo origem no Oriente Mediterrânico, goza de uma extrema longevidade, tendo, ao longo das eras, sido utilizado de formas diversas. "(...) trata-se de um objecto, (...) que apesar da sua inegável função primária, prender vestuário, têm-lhe

sido atribuídas inúmeras funções, tais como, por exemplo: indicar grupo sexual, profissão, insígnias militares, funções medicinais, para além do "óbvio" (e vago) uso de carácter simbólico (...)" (Miguez, 2010).

O carácter fragmentado da evidência dificulta a já de si difícil classificação tipológica dos restos de fíbulas, tanto mais que a julgar por outros exemplares locais já conhecidos noutros contextos deste arqueossítio (Figueiredo et al. 2009; Senna-Martinez e Luís, 2009 e 2010) provavelmente estaremos em presença de variantes locais. Contudo, ressaltando mais uma vez o cariz preliminar da análise, a tendência geral que nos parecer antever nestes novos exemplares (provavelmente em bronze?) remete para tipologias claramente de origem meridional com destaque para os tipos Acebuchal e Bencarrón, sem por de lado a possibilidade de um braço mais robusto e de forma quase em D poder ser atribuído a uma fíbula anular hispânica (nº10949) (Ponte, 2006). O seu enquadramento cronológico num intervalo alargado abrangendo os séculos VII e VI a.C. parece no entanto ser, de momento, defensável.

Dos dois elementos em ferro exumados, apenas a faquinha afalcatada com rebites em bronze binário permite determinação tipológica que remete, do mesmo modo, para uma origem meridional compatível com o intervalo cronológico proposto. Também os restantes objectos metálicos, presumivelmente em bronze, nomeadamente a pinça e o anel espiralado, podendo embora remeter para momentos mais recuados, são enquadráveis numa dinâmica cultural alargada e compatível com igual cronologia.



Figura 22 - nº10478, lâmina de ferro com rebites.

* À semelhança do que tem acontecido com os restantes achados metálicos deste arqueossítio, também estes achados serão arqueometalurgicamente estudados em colaboração com as equipas de ITN e CENIMAT-FCT que integram o Projecto EARLYMETAL financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008).



Figura 23 - nº10229; espiral (anel).

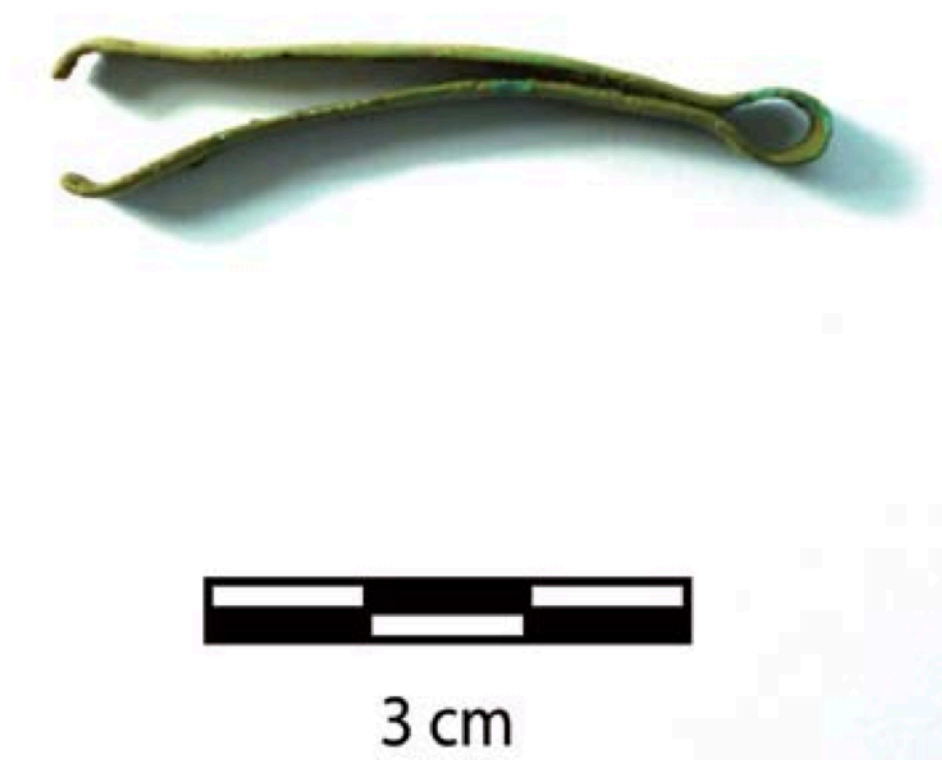


Figura 24 - nº10666; pinça.

⁷ Determinação preliminar por EDXRF efectuada pela equipa do ITN.

Listamos abaixo o conjunto do espólio metálico recuperado no sector M durante a campanha de 2011.

Fraga dos Corvos - Sector M - 2012		
Metais		
Nº	Faseamento	Descrição
10478	Unidades c/remeximentos	Faca afilada em ferro com rebites de bronze
10147		Mola de fíbula (Acebuchal?)
10532		Descanso e arco de fíbula Acebuchal (?)
10461		Descanso e arco de fíbula Bencarrón (?)
10477		Rebite (bronze?)
10475		Fragmento (bronze?)
10533		Argola (fragmento - bronze?)
10798	Unidades da ocupação superior	Barrinha de ferro
10666		Pinça (bronze?)
10949		Brço de fíbula (Anular Hispânica ?)
10781	Unidades sob a U.E. [10026]	Mola e fuzilhão de fíbula Acebuchal
10284		Mola e fuzilhão de fíbula Acebuchal
10229		Anel espiralado (bronze?)

Quanto ao espólio cerâmico, podemos afirmar que se trata na sua quase totalidade de produções locais de fabrico manual com cozeduras redutoras, à excepção de um fragmento exumado da U.E. [10015], produzido a torno, com uma pasta muito depurada e oxidante, certamente uma importação. A pasta sugere uma proveniência meridional, e a forma aponta para um vaso pitóide de dimensões reduzidas⁸.

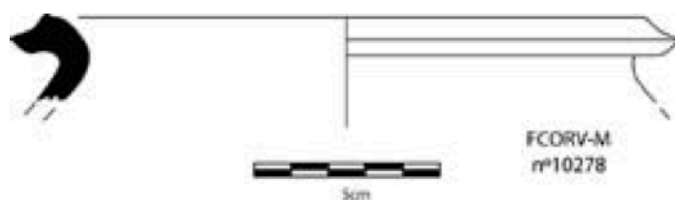


Figura 25 - n°10284, mola de fíbula.



Figura 26 - Idem.

Cientes do estado preliminar do estudo dos recipientes cerâmicos em questão, podemos, contudo, avançar algumas informações relativas às suas características morfológicas. Com base tabela tipológica proposta por Elsa Luís para o Sector A (Luís, 2010), podemos afirmar que persistem as formas 2; recipientes fundos de bordo simples (taças) e uma aparente predominância de formas fechadas e colos estrangulados, formas genericamente enquadráveis no Grupo B de Elsa Luís, embora os recipientes do Sector M aparentem ser tendencialmente mais estrangulados. As formas carenadas são, até ao momento, extremamente raras, o que resulta estranho, tendo em conta a cronologia em questão e as estreitas relações com o mundo meseteno, que abordaremos mais à frente. Quanto às bases, elas são predominantemente planas; os omphalos são vestigiais.



Figura 27 - n° 10246.



Figura 28 - n° 10780.

⁸ Agradecemos a ajuda prestada na avaliação do fragmento à Professora Doutora Ana Margarida Arruda.

Relativamente às decorações, elas surgem numa proporção baixa dos fragmentos, e podem agrupar-se em duas realidades:

As sobrevivências, atribuíveis à I Idade do Bronze, que em nada diferem das gramáticas decorativas predominantes no Sector A, e que surgem nas U.Es com maior índice de perturbação; falamos dos bordos denteados (moti-

vo M1), das espigas e das retículas obtidas a punção (motivos M2 e M3) dos pontilhados (motivo M3) e ainda dos motivos compostos, combinando bordos denteados com motivos em espiga na face interna (motivo M5), puncionamentos oblíquos junto ao bordo nas faces interna e externa (motivo M6) e ainda motivos em espiga junto ao bordo nas faces interna e externa (motivo M7).

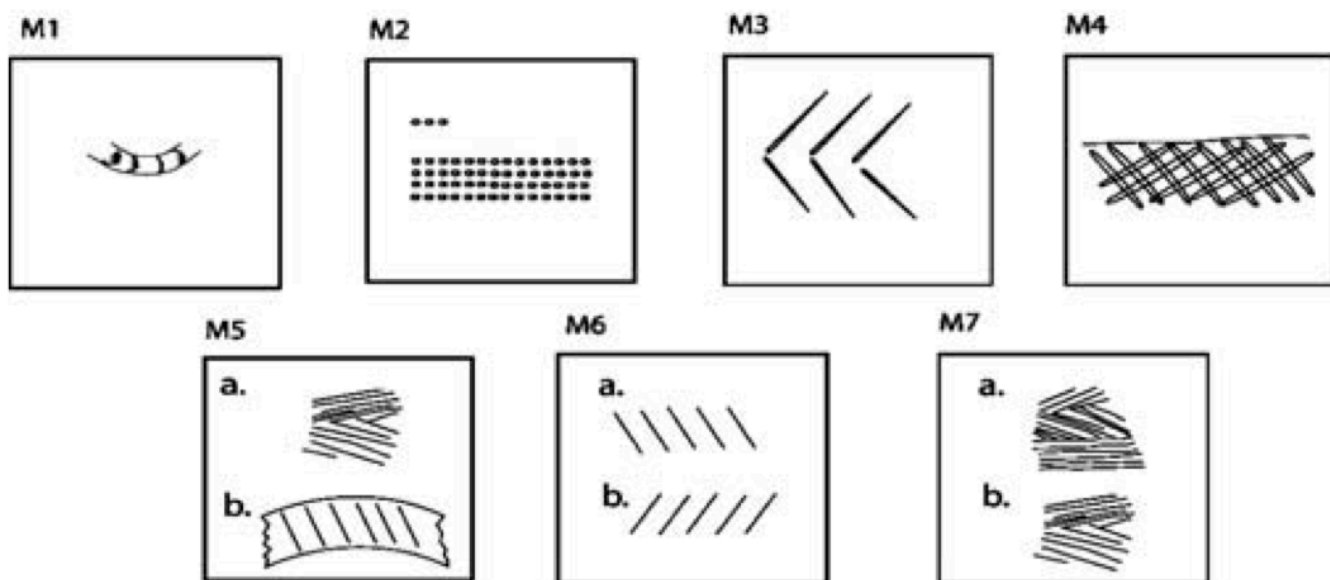


Figura 29 - motivos decorativos do Sector M, com paralelos no Sector A.

O segundo universo decorativo incorpora “as novidades”, motivos sem paralelos nas fases mais antigas da Fraga dos Corvos (Sector A) e que denunciam uma renovada visão estética dos recipientes domésticos. Sobrevivem as espigas, obtidas a punção lateral, mas cujo efeito final diverge das soluções representadas no primeiro grupo (motivo M8). Surgem linhas orgânicas organizadas em motivos ondulados e entrançados, obtidos a pente (motivos M12, M13 e M14), padrões cujos paralelos nos remetem para ambientes mais tardios, como por exemplo os materiais provenientes dos níveis da “I Idade do Ferro mesetenha”, em sítios como Sanchorreja, (Gonzalez-Tablas Sastre, 1989), ou La Mota, Medina del Campo (Villar & Losada, 1995) nomeadamente uma das tijelas do Nível IV, com um esquema decorativo idêntico ao motivo M13.

Novidade absoluta é a ocorrência de formas circulares, (motivo M11), impressas sobre cordão plástico.

Do ponto de vista das técnicas aplicadas,

para além do penteado, que, apesar de conhecermos paralelos com o Sector A, é claramente minoritário nas realidades da I Idade do Bronze, de apontar ainda a excisão (motivo M9), motivo por excelência do mundo Cogotas I (Delibes de Castro, Fernandez Manzano, Rodriguez Marcos, 1990). De assinalar a correspondência directa deste motivo M9, que combina pequenos sulcos com triângulos excisos, com o motivo plasmando na estampa nº3 da Fig. 7 desta publicação relativa ao sítio de San Roman de Hornija, Valladolid. Estes motivos encontram-se preenchidos com pasta branca, pelo que importa lembrar que as análises realizadas para os fragmentos decorados com negativos preenchidos a pasta branca do Sector A permitiram a identificação desta pasta como matéria obtida a partir de restos osteológicos calcinados e moídos (Luís, 2010); existe, apesar da alteração visível das gramáticas decorativas, a sobrevivência desta solução estilística/cromática.

As estreitas relações com o mundo meseteno, vastamente comprovada para as re-

alidades do Sector A, parecem manter-se durante os períodos de ocupação do Sector M. Apesar de ainda não existirem dados estatísticos concretos, a evidência parece apontar para um incremento destas relações inter-regionais durante a Idade do Ferro; afirmação que carece de corroboração através de um estudo mais sistemático dos materiais cerâmicos.

Foram também exumados cinco cossoiros, quatro deles fragmentados, um dos quais ostentando decoração incisa profusa, em toda a parede.

Podemos agrupá-los, dois deles, na categoria de cossoiros bicónicos, achatados junto aos orifícios (nº10394 e nº10331) $\pi\pi$, um bolboso (nº10280), e ainda dois bulbosos achatados (nº10013 e 10130) (Silva e Olivei-

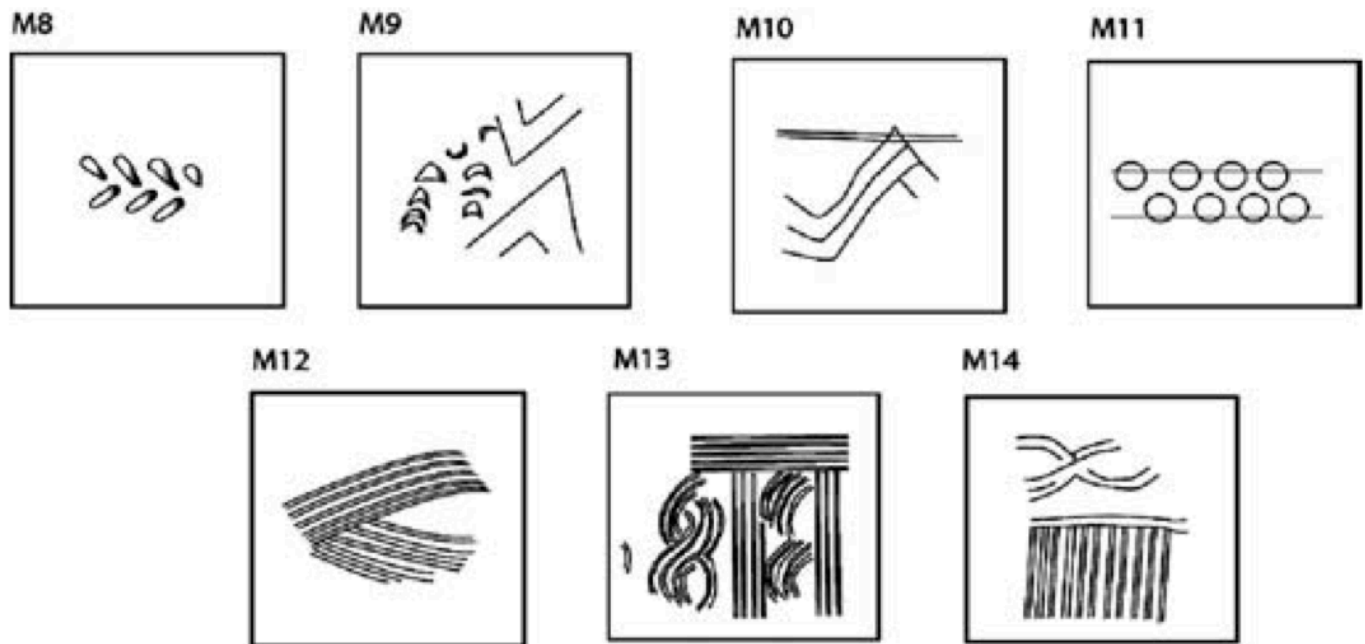


Figura 30 - motivos decorativos do Sector M, sem paralelos no Sector A.

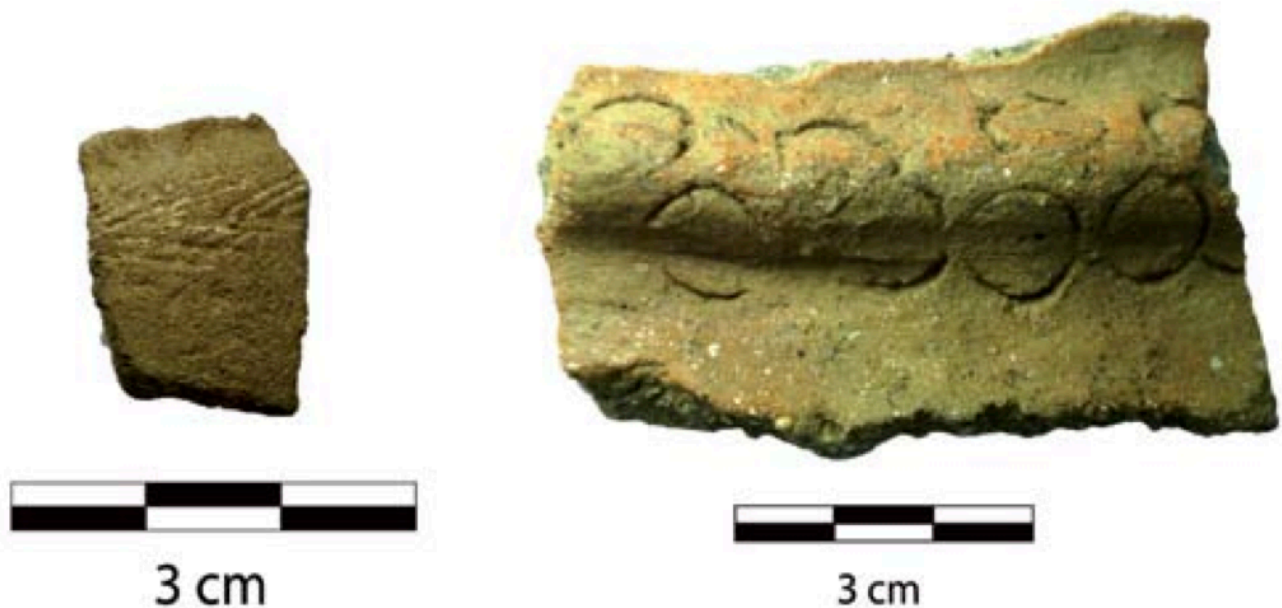


Figura 31 - n° 10464.

Figura 32 - n° 10490.

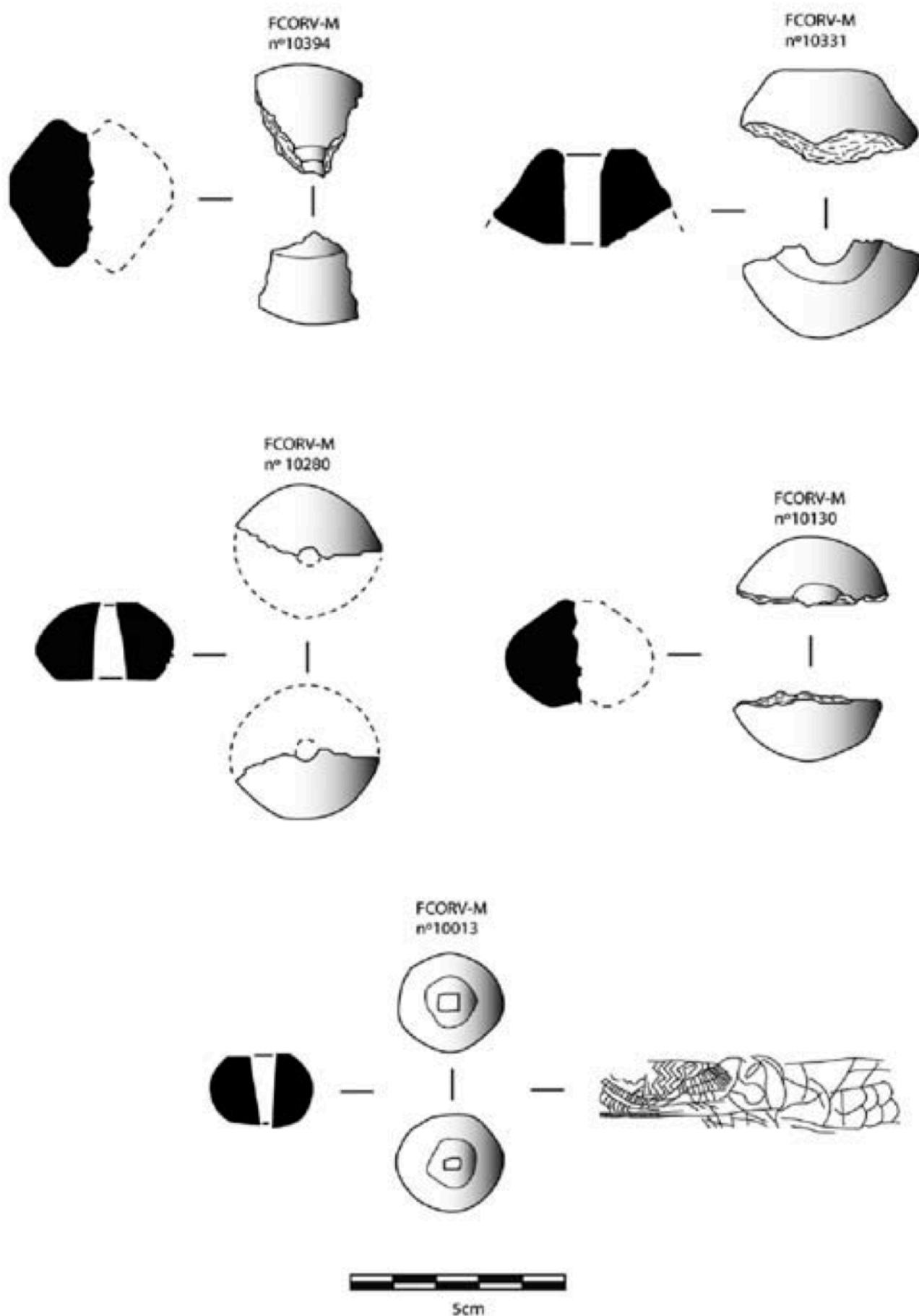


Figura 33 - Cossoiros do Sector M.



Figura 34 - n°10013. Cossioiro bulboso decorado.



Figura 35 - n°10394. Cossioiro bicónico.

Foi também recolhido barro de revestimento em abundância, maioritariamente nódulos de pequenas dimensões em mau estado de conservação. Num caso identificaram-se os negativos da possível estrutural vegetal a que estaria agregado.

Passamos a esquematizar os dados quantitativos do espólio cerâmico recuperado durante a campanha de 2011.

Bordos simples	325
Bordos decorados	11
Cossoiros lisos	5
Cossoiros decorados	1
Fundos	158
Bojos decorados	36
Bojos com pegas mamilares	7
Bojos com carenas	6
Asas / arranques de asa	27
Alisador	1

com proveniências estratigráficas diversas; apesar disso, a amostra aponta para um aproveitamento dos recursos faunísticos homogéneo, nomeadamente de gado bovino e ovicaprino. De momento, regista-se uma aparente predominância de espécies domésticas e, em contrapartida, a ausência de espécies selvagens. Os exemplares de suínos não oferecem respostas quanto ao seu tipo – porco doméstico ou javali. Apesar do ainda estado precoce dos trabalhos neste sector, os dados quantitativos revelam já alguma expressão no que diz respeito às espécies de eleição das comunidades que habitavam o cabeço. Resta relembrar que a Serra de Bornes é ainda hoje povoada por javalis e a que a sua caça faz parte das tradições locais.

A identificação das espécies faunísticas devemos-la à Dra. Cleia Detry, cuja ajuda preciosa agradecemos.

Passamos a esquematizar os dados quantitativos do espólio osteológico identificável, recuperado durante a campanha de 2011.

Espécie	Nº
<i>Bos sp. (Taurus)</i>	9
<i>Ovis/capra</i>	9
<i>Sus sp.</i>	3

Foram recolhidos abundantes restos osteológicos,

Quanto ao espólio lítico, importa sublinhar a presença abundante de elementos de moagem, recolhidos tanto em contexto de escavação como à superfície, em toda a envolvente da sondagem, nomeadamente dormentes graníticos de dimensões significativas. Esta presença dá pistas da existência de actividade agrícola, ainda que instrumentos líticos de outra natureza - nomeadamente elementos de foice e outros - sejam muito escassos.

Foi também identificado um possível resto de talhe em material silicioso, com uma fractura que sugere provável origem térmica⁹. Este fragmento representa o primeiro indicador de matéria-prima de origem exógena, ou pelo menos fora do círculo imediato de aprovisionamento

das comunidades da Fraga dos Corvos.

Ao espólio lítico falta acrescentar a presença de pedras polidas perfuradas (maioritariamente em xistos moles), de fabrico cuidado, cuja interpretação oferece muitas dúvidas. Um conjunto de características, enunciadas no ponto relativo à fiação justificam esta afirmação, e suportam a possibilidade de se tratarem e objectos com utilidade prática duvidosa. Todos estes objectos são únicos, não tendo sido identificado até agora dois iguais. Surgem em formas triangulares, ovaladas ou rectangulares, com uma ou duas perfurações. Surgem estratigraficamente associados tanto a níveis remexidos como a U.Es conservadas, nomeadamente os “pisos” da fase posterior a [10026].



Figura 36 - nº10024, 10025, 10173, 10655; pedras perfuradas do Sector M.

Passamos a esquematizar os dados quantitativos do espólio lítico recuperado durante a campanha de 2011.

Seixos rolados	61
Dormentes	10
“Ideotécnicos”	10
Pedra polida	19
Percutor	3
Denticulado	1
Frag. sílex indeterminado	1
“Testo”	1
Contas de colar	6
Movente	3
Molde	1
Núcleos	2
Pedra com covinhas	1

⁹ Informação pessoal que agradecemos ao Professor Doutor João Pedro Cunha Ribeiro.

5. A Fraga dos Corvos – uma primeira abordagem diacrónica

5.1. A cerâmica

A primeira observação pertinente é a do sentido de continuidade nas características dos recipientes, quer do ponto de vista do fabrico, quer quanto às formas que apresentam. De facto, a observação macroscópica dos novos fragmentos exumados permite-nos aferir a permanência das técnicas e modalidades de fabrico local – as pastas, os elementos não plásticos, o tipo de cozedura e o aspecto formal – a “moda” – predominantes. À excepção de um fragmento de clara proveniência alógena, os recipientes exumados do Sector M enquadram-se perfeitamente nas formas propostas por Elsa Luís para a ocupação da I Idade do Bronze do cabeço (Luís, 2010). Existem, no entanto, outros elementos que nos permitem afirmar com segurança a antiguidade do Sector A relativamente ao Sector M. Esta afirmação permite-nos concluir que o fabrico da cerâmica dita comum reveste-se de um enorme conservadorismo, o que a torna um indicador pouco fiável de cronologias para a nossa área regional. Deste modo, vamos encontrar roturas nos “materiais de excepção”; para o caso das cerâmicas, conseguimos lê-las sobretudo nas decorações (nas técnicas e nas gráficas utilizadas), como pudemos observar nos dados acima apresentados.

5.2. A Metalurgia

A produção metalúrgica representa o universo artefactual mais contrastante na Fraga dos Corvos, e aquele que considerámos o indicador cronológico por excelência. Existe uma discrepância assinalável na quantidade de materiais recolhidos nos dois sectores, sendo que os metais são, comparativamente, muito mais abundantes no Sector M. Para mais, enquanto a produção metalúrgica no Sector A é diminuta e plenamente integrada numa tradição regional, no Sector M vamos encontrar artefactos de tradição marcadamente mediterrânica, e em muito maior quantidade. Há ainda a assinalar a presença significativa de

escórias no Sector M, o que, apesar das condições tafonómicas aparentemente mais favoráveis neste Sector em relação ao primeiro, indicia um incremento efectivo da produção metalúrgica local.

Para a Primeira Idade do Bronze (Sector A) encontra-se estabelecida em termos de alguma segurança a estreita ligação da produção metalúrgica ao aparecimento regional das primeiras ligas de bronze (Cu, Sn) a ambientes de cariz doméstico e em escalas reduzidas, através de obtenção de metal provavelmente por co-redução de minerais de cobre e estanho em vasilha forno e fundição dos nódulos (prills) assim obtidos em cadinho para vazamento em moldes abertos e/ou fechados consoante os casos (Senna-Martinez, et al. 2011). A associação à produção de machados do tipo Bujões está bem documentada pelos dois fragmentos de molde recuperados.

Os dados publicados para o sítio coevo da Sola, no Minho - (Bettencourt, 2000a), bem como os conhecidos para o espaço galaico (Comendador, 1997), mostram-nos que o começo da produção de bronzes binários constitui um fenómeno que ocorre de forma alargada em todo o noroeste Peninsular dentro de cronologias de um modo geral enquadráveis no segundo quartel do segundo milénio a.C.

Nos ambientes do Sector M (Bronze Final?), se a informação já produzida para o conjunto de bronzes de cariz orientalizante do Abrigo 2 (Figueiredo, et al. 2009) for aqui aplicável, poderemos ter associada a uma tradição metalúrgica produtora de ligas de bronze binário em moldes de grande estabilidade uma clara inflexão de influência cultural que agora aponta para relações privilegiadas com ambientes mais meridionais na órbita dos processos da colonização orientalizante.

5.3. A Fauna

Como pudemos observar, a partir dos dados apresentados, os restos osteológicos dos dois sectores não apresentam diferenças significativas quanto aos taxa identificados e às

proporções relativas. Estão, em ambos os sectores, atestadas a actividade pecuária – nomeadamente ovicaprinos e bovinos, espécies adequadas ao quotidiano Serrano – e a caça. Neste ultimo caso destacamos a presença de suídeos, que cremos tratar-se da variante selvagem, o javali; bem como os cervídeos, representados no Sector A. Não parece haver diferenças significativas nos hábitos alimentares das populações da Fraga dos Corvos durante a Idade do Bronze, ainda que importe lembrar que a amostra é diminuta, tão pouco arriscamos interpretar como assinalável a discrepância no volume de restos faunísticos entre sectores, uma vez que ela pode estar relacionada com questões tafonómicas.

5.4. Os Líticos

Comum a ambos os sectores é a clara ausência de instrumentagem lítica pesada (machados, goivas, etc.) e presença vestigial de utensílios, como elementos de foice, que é habitualmente abundante em sítios de habitat durante toda a Pré-História das Sociedades Camponesas. Há, assim, uma sintomática ausência de objectos claramente vocacionados para a exploração agrícola e/ou silvícola. Por outro lado e comparativamente, os objectos líticos vocacionados para a transformação de alimentos são mais abundantes (elementos de moagem), o que denuncia uma assinalável décalage entre tipos de instrumentos, dado que pode justificar a hipótese da existência de outra tipologia de povoados mais próximos dos campos agricultados e que serviriam de pontos de apoio à actividade agrícola. Neste quadro, na Fraga dos Corvos (e povoados análogos) os alimentos seriam apenas transformados e armazenados. Esta possível complementaridade entre áreas de instalação humana remete-nos para a discussão da complexidade das estratégias de povoamento durante a Idade do Bronze regional. (Cardoso, 1996).

Noutra linha de análise, existem as pedras polidas perfuradas ("ideotécnicos"), objectos que constituem uma especificidade própria da Fraga dos Corvos, denunciando um com-

portamento estético e/ou simbólico próprio e que, à luz dos novos dados do Sector M, de enorme longevidade. De facto, a primeira campanha de intervenção no Sector M revelou a manutenção do fabrico e/ou reutilização destes objectos tão característicos. As pedras polidas perfuradas no Sector M, à semelhança das exumadas no Sector A, revelam grande heterogeneidade morfológica e cuidado acabamento, dentro de uma ideia comum de objecto, razões pelas quais encaramos com reservas a sua utilização em alguma actividade económica (como explanado no ponto sobre a fiação).

5.5. A Fiação

Escolhemos, propositadamente, o termo fiação na medida em que não podemos assertivamente considerar a actividade da tecelagem no local, em ambos os sectores. Tendo em atenção a definição do próprio conceito de tecelagem: "operação de entrelaçar fios num tear para obter um tecido" (Costeira, 2010, p. 38), não dispomos, até à data, de indicadores directos desta actividade, nomeadamente elementos de tear inequívocos, os únicos elementos que, na esmagadora maioria dos casos, se conservam no registo arqueológico.

Como mencionado, existe um conjunto já relativamente extenso de pedras polidas perfuradas, que, numa primeira perspectiva, poderiam ser considerados como pesos de tear. No entanto, o facto de serem todos diferentes, de não haver uma standardização morfológica, do evidente cuidado na escolha de matérias-primas e na elaboração tecnológica, de não terem sido identificados vestígios de utilização das perfurações (sobretudo em rochas - xistos moles - que são facilmente alterados por acções mecânicas externas), concorre no sentido de lhes atribuímos outra funcionalidade/significado. Por outro lado, a inexistência de pesos em cerâmica pode indicar que a actividade da tecelagem fosse realizada em outro local, ou, numa hipótese menos provável, que o "entretecimento de algumas fibras vegetais selvagens (...) fosse manual, próximo das téc-

nicas utilizadas para a cestaria" (*Idem*) se bem que são conhecidos elementos de tear desde o processo de neolitização (*Idem*).

A matéria-prima poderia ser obtida com a extracção de determinadas fibras vegetais selvagens (nomeadamente o linho - *Linum usitatissimum* – ainda que não conheçamos evidências carpológicas ou palinológicas que suportem esta afirmação). Sabemos sim que o Noroeste era, na Antiguidade Clássica, conhecido pela excelência de produção de linho e lã, segundo as fontes clássicas, como Estrabão e Plínio (Silva e Oliveira, 1999), tradição esta que eventualmente poderá remontar a períodos mais antigos. Quanto às fibras animais, são conhecidos vários sítios pré-históricos da região com restos osteológicos de ovicaprinos, incluindo ambos os sectores da Fraga dos Corvos, dos quais se poderia eventualmente extrair lã. No entanto, segundo Costeira (2010, p. 39), relativamente a contextos calcolíticos, "as ovelhas, apesar de bem documentadas nos conjuntos faunísticos, não podem ainda ser associadas directamente a esta actividade enquanto não se aprofundar o estudo dos rebanhos e da sua gestão, e dos atributos da sua pelugem, de modo a aferir a possibilidade de extracção de lã".

Nos sectores A e M apenas dispomos de indicadores directos da actividade da fiacção, os cossoiros ou fusaiolas. Estes são "pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila, mas também em pedra, tendo uma perfuração central. Eram colocados na parte inferior do fuso, como remate e, assim, davam o equilíbrio necessário, servindo de volante, que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia" (Silva e Oliveira, 1999, p. 4). Ambos os conjuntos apresentam cossoiros de pequena dimensão, genericamente de bons acabamentos, todos diferentes entre si, alternando entre os bicónicos e os bulbosos achatados segundo a tipologia de Silva e Oliveira (*Idem*). Esta característica da não standardização de formas parece perdurar no tempo até aos contextos castrejos do Minho, como é caso, entre outros, da Citânia

de Briteiros nos quais, num conjunto de cerca de 200 cossoiros, não existem dois exactamente iguais, contribuindo para a dificuldade de construção de uma tabela de formas (*Idem*). A inovação aplicada nos cossoiros castrejos parece ser a utilização de molde para o seu fabrico na maioria dos casos além do recurso, frequente, a desperdícios de outros recipientes, enquanto na Fraga dos Corvos todos são de fabrico manual.

Em ambos os sectores encontramos um decorado, sendo que o do Sector M é muito mais cuidado e com decoração muito mais complexa.

5.6. As contas vítreas

As contas vítreas, encontradas nos dois Sectores da Fraga dos Corvos, podem ser atribuídas a um momento compatível com a actual estimativa cronológica proposta para o Sector M.

A sua origem mediterrânica é clara e a matéria-prima de que são feitas, pasta vítrea azul escura, tem, neste âmbito regional, grande longevidade e a sua dispersão para Ocidente parece acompanhar, numa primeira fase restrita e ainda do segundo milénio a.C., os contactos pré-orientalizantes (de que os exemplares da necrópole da Atalaia, num contexto avançado da 1ª Idade do Bronze do Sudoeste, dão testemunho – Schubart, 1975) para se generalizarem e acompanharem a expansão fenícia para Ocidente (Arruda, 2000).

6. Conclusões

À medida que nos aproximamos da conclusão da intervenção programada para o Sector A da Fraga dos Corvos (que esperamos concluir em 2012) o início da intervenção no Sector M coloca toda uma nova série de questões das quais a primeira é, sem dúvida, a da continuidade ou não da ocupação do cabeço ao longo da Idade do Bronze. Pensamos que a continuação da escavação poderá produzir evidência que ajude a obter uma resposta.

Nova é a questão da cronologia das últimas

ocupações conservadas no Sector M que é dificultada pela virtual ausência de sítios na região, cronologicamente análogos ao Sector M, com os quais possamos estabelecer paralelos fiáveis. Enquanto os materiais cerâmicos recuperados, quer pelas características morfológicas, quer pelas de fabrico, nomeadamente nas claras continuidades que estabelecem com o Sector A, apontam para uma ocupação enquadrável no Bronze Final. No mesmo sentido, a muralha em talude, a julgar pelo verificado nomeadamente em S. Julião (Bettencourt, 2000b), pode ser atribuída a um momento final daquele período.

Facto inteiramente novo, inclusive num âmbito regional alargado a todo o Noroeste, é a inusitada abundância de artefactos de cariz mediterrânico que o Sector M já forneceu. Se os associarmos ao conjunto já conhecido do Abrigo 2 (Figueiredo et al. 2009), dos contextos secundários do Sector A e à fíbula de tipo Acebuchal da base do talude da muralha tal faz deste conjunto o maior conhecido em contextos de habitat em todo Noroeste Peninsular.

Discutimos já atrás a cronologia do conjunto que, em termos conservadores, permite colocar os materiais do Abrigo entre os séculos VIII-VII a.C. e os restantes entre os séculos VII-VI a.C.

Tais cronologias, caso seja aceitável para o

Nordeste Transmontano a cronologia minhoto da transição Bronze/Ferro, apontada para os séculos VI-V a.C. (Bettencourt, 2004, 2009), são inteiramente compatíveis com momentos avançados de um Bronze Final regional.

Não é de excluir a possibilidade de vir a existir evidência no sentido de uma continuidade de ocupação do cabeço da Fraga dos Corvos durante a II Idade do Ferro, uma vez que mesmo a total predominância de recipientes cerâmicos de fabrico manual não consubstancia uma garantia de estarmos perante momentos cronológicos anteriores à Idade do Ferro, dado que este arcaísmo tecnológico penetra momentos tardios da proto-história regional. Contudo convenhamos que a evidência disponível não permite qualquer avanço nesse sentido.

A compreensão do faseamento de ocupação do Sector M passa, obviamente, pela prossecução dos trabalhos de escavação. O alargamento da sondagem até ao aparelho do talude, bem como o seu desmonte numa secção controlada, afigura-se pertinente, no sentido de compreender a relação da estratigrafia detectada com a construção da própria muralha em talude, compreender a que estratos correspondem a sua fase fundacional, durante quanto “tempo” esteve activa, a expressão da ocupação do cabeço após o seu abandono/destruição.

¹⁰ Assim o comprovam dados de estações arqueológicas como o castro romanizado da Terronha do Pinhovelo (Barranhão & Tereso, 2006).

7. Bibliografia

ARAÚJO, T.G.R. (2011) – Caracterização Petrográfica e Geoquímica das Cerâmicas da Sondagem 2 do Sítio Arqueológico da Fraga dos Corvos (Freguesia de Vilar do Monte, Concelho de Macedo de Cavaleiros. Tese de Mestrado em Geoarqueologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

ARRUDA, A. M. (2000) – Los fenicios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII – VI a.C.). Barcelona. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6.

BARKER, P. (1982) – Techniques of Archaeological Excavation. Londres. Batsford.

BARRANHÃO, H.; TERESO, J. P. (2006) – A Terronha do Pinhovelo na civitas zoelorum: primeira síntese. Cadernos "Terras Quentes", 3. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6, pp. 7-26.

BÁRTHOLO, M.L (1959.) – Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança. Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa. Instituto de Alta Cultura, Vol. I, p.431-39.

BETTENCOURT, A. M. S. (2009) – A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. Braga Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M. S. (2004) – O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro. Castro. Um Lugar para Habitar. Colóquio Monte Mozinho 2004. Penafiel. Museu Municipal. Cadernos do Museu, p.25-40

BETTENCOURT, A. M. S. (2000a) O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal. Braga. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia. Monografias, 9.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000b) – O Povoado de São Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro. Braga. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia. Monografias, 10.

CARDOSO, J. L (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 6, Oeiras, p. 351.

COMENDADOR-REY, B. (1997) - Los inicios de la Metalurgia en el noroeste de la Península Ibérica. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela. Policopiado.

COSTEIRA, C. (2010) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central),

3º milénio a.n.e. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

DELIBES DE CASTRO, G.; FERNANDEZ MANZANO, J. & RODRIGUEZ MARCOS, J. (1990) – Cerámica de la plenitud Cogotas I: el yacimiento de San Román de Hornija (Valladolid). In: B.S.A.A., LVI, pp.64-105.

FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M.J. (1998-1999) – A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente. Portugalia Nova Série, XIX-XX, p71-95.

FIGUEIREDO, E.; SENNA-MARTINEZ, J.C. ; SILVA, R.J.C. e ARAÚJO, M.F. (2009) – Orientalizing Artifacts from Fraga dos Corvos Rock Shelter in North Portugal. Materials and Manufacturing Processes. Londres. Taylor & Francis. 24, p.949-954.

GONZALEZ-TABLAS SASTRE, F. J. (1989) – Los niveles superiores de Sanchorreja. La primera Edad del Hierro en el borde meridional de la Meseta. Trabajos de prehistoria. 46, p.117-128.

HARRIS, E. (1989) – Principles of Archaeological Stratigraphy. Second Edition. Londres. Academic Press.

LUÍS, E. (2010) – A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: O conjunto cerâmico da Sondagem 2 do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

MARTINS, M. (1990) – O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado. Cadernos de Arqueologia. Monografias. Braga: Universidade do Minho.

MATOS, D. (2011) – A Exploração do Quartzo e do Xisto: a indústria lítica do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). In: Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 8, p.47-54.

MIGUEZ, J. (2010) – As fibulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos – o caso de Mesas do Castelhinho. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

NÁJERA COLINO, T.; MOLINA GONZÁLEZ, F.; SÁNCHEZ ROMERO, M. e ARANDE JIMÉNEZ, G. (2006) – Un Enterramiento Infantil Singular en el Yacimiento de la Edad Del Bronce de la Motilla del Azuer (Daimiel, Ciudad Real). Trabajos de Prehistoria. Madrid. CSIC. 63(1), p.149-156.et

PONTE, S. (2006) – Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal. Coimbra: Ca-

leidoscópio.

REBELO, B. (2011) – Os recipientes cerâmicos do sítio do Alto da Madorra. Cadernos "Terras Quentes", 8, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, p. 55-62.

SCHUBART, H. (1975) – Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel. Berlin. Walter de Gruyter. 2 Vols.

SANCHES, M. J. (1997) – Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O Abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional), 2 vol., Textos, 1, SPAE, Porto.

SANCHES, M. J. (2008) – O Crasto de Palheiros, Fraga do Castro. Murça – Portugal. Braga: Candeias Artes Gráficas.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2009) – Armas, lugares e homens: Aspectos das práticas simbólicas na Primeira Idade do Bronze. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. Câmara Municipal. 17, p. 467-488.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008). Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6, p.69-79.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2010) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009). Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6.

SENNA-MARTINEZ, J.C. e LUÍS, E. (2011) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 8 (2010). Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 8, p.33-46.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011) – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. & CARVALHO, Jorge (eds.) Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010. Braga: CITCEM, APEQ, FEUP, p.381-394.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – A Fraga dos Corvos: Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros. Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 1, p.32-58.

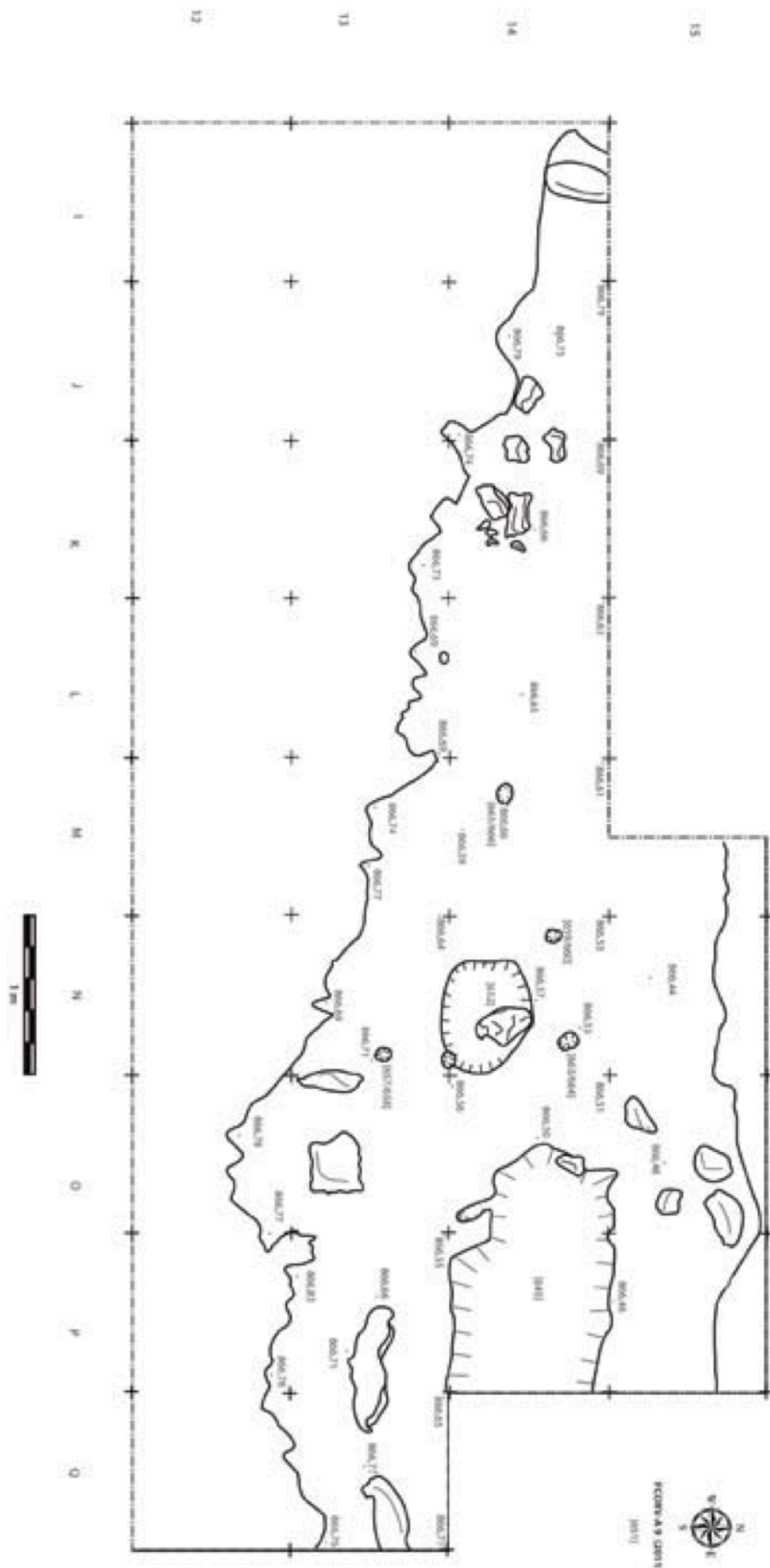
SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; ARAÚJO, M. F.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2010) – «Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.) Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117.

SILVA, M. F.; OLIVEIRA, P. C. (1999) – Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). Revista de Guimarães, Volume Especial, II, pp. 633-659.

TORRES ORTIZ, M. (2008) – Fíbulas. M. ALMAGRO-GORBEA, I. (Ed.) La Necrópolis de Medellín. II- Estudio de los Hallazgos. Madrid. Real Academia de la Historia. Bibliotheca Archaeologica Hispana, 26-2, p.529-535.

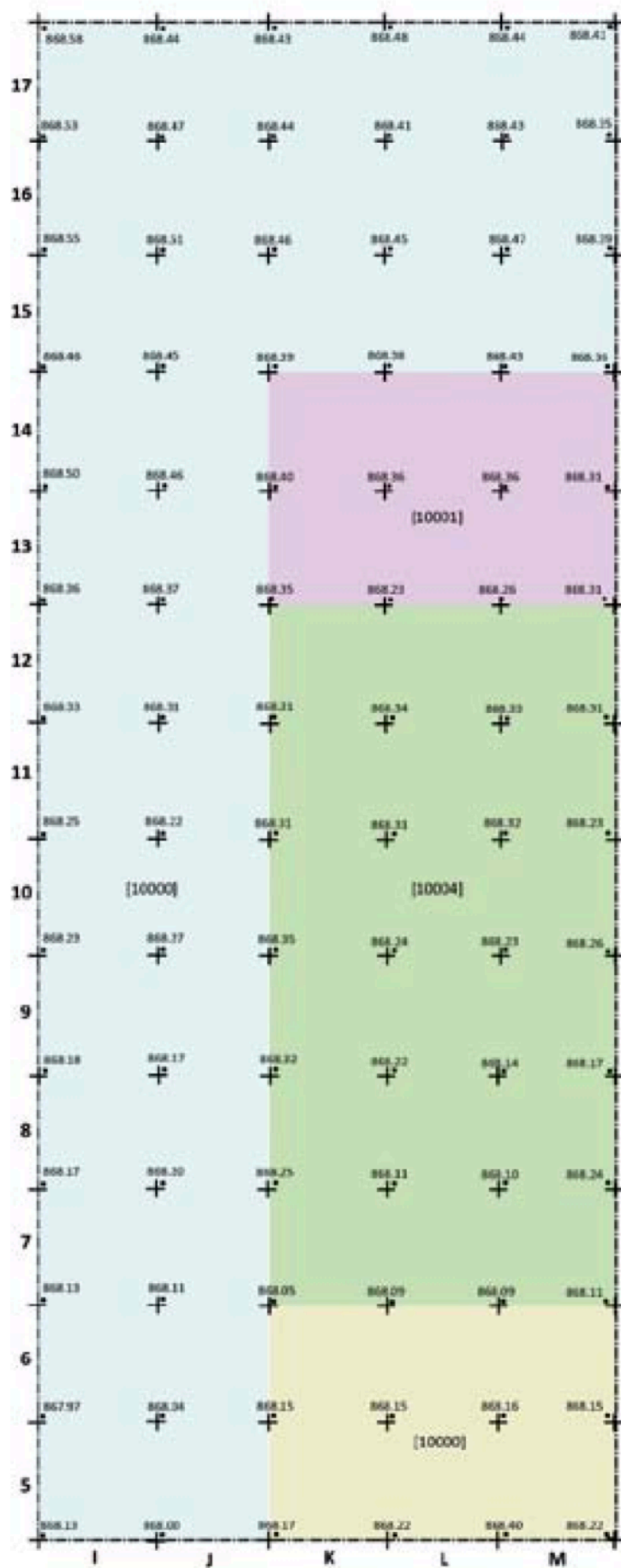






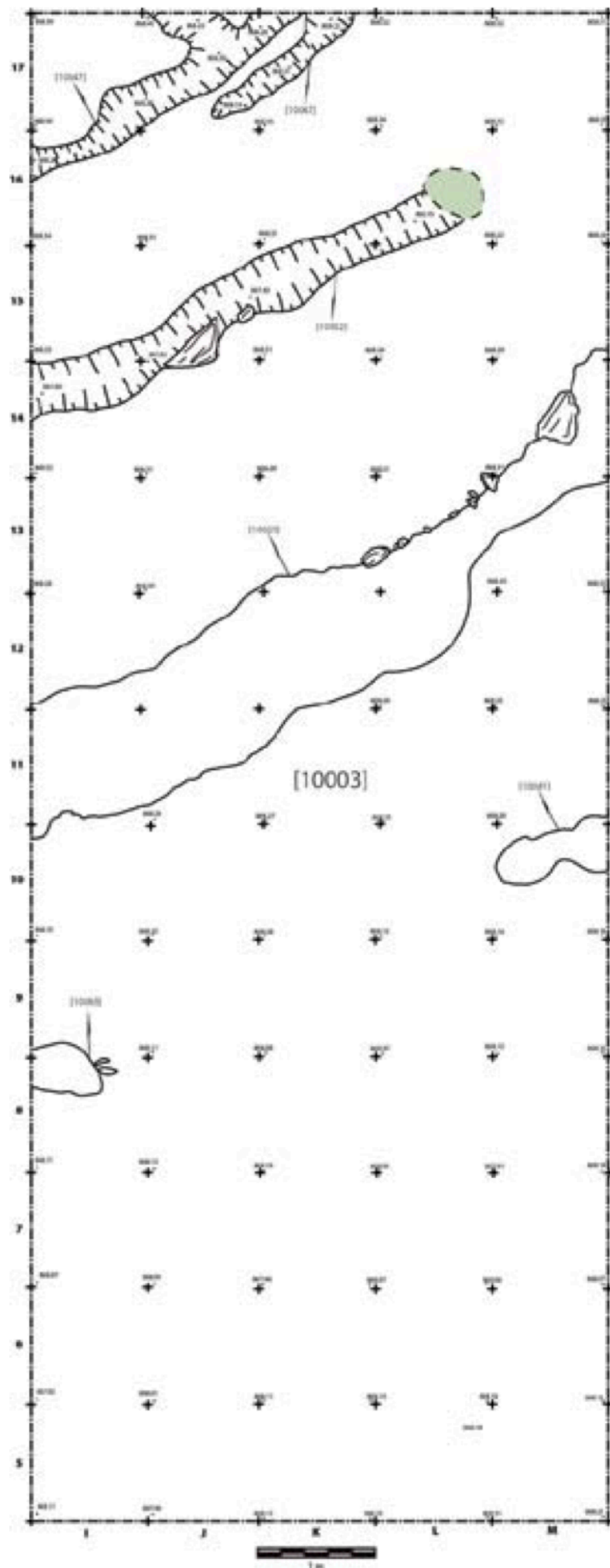
Planta - A3





FCORV-M 1(2011)
 [10000=10001=10004]





FCORV-M 1(2011)

- [10003]
- [10037]
- [10067]
- [10052]
- [10029]
- [10041]
- [10065]

